CÂMARA MUNICIPAL DE
SALVADOR
O futuro da cidade
passa por aqui.

REQUERIMENTO ESPECIAL Nº /

Requer à Mesa, ouvido o Plenário, a realização de Sessão Especial com objetivo de homenagear a memória de Carlos Marighella, escritor, poeta, político, revolucionário, com data e horário a definir.

JUSTIFICATIVA

Escritor, poeta, político, revolucionário, Carlos Marighella, no entanto se definia de outra forma. Quando questionado pela jornalista e poetisa Ana Montenegro, ele resumiu: "Sou um mulato baiano".

A história desse soteropolitano se confunde com a do Brasil de meados do século passado. Nascido na rua Fonte das Pedras, perto de onde hoje fica o estádio da Fonte Nova, em 05 de dezembro de 1911, Marighella mudou-se com a família para a Baixa dos Sapateiros, onde passou a infância e o início da juventude. Mais velho dos sete filhos de um imigrante italiano e de uma filha de escravizados hauçás trazidos para o Brasil, ele desde cedo preocupou-se com questões sociais.

Aluno destacado, fez fama entre os estudantes por ter respondido em versos a uma questão de uma prova de geometria, quando estudava no Ginásio da Bahia — atual Colégio Central. Em seguida, ingressou na Escola Politécnica da Bahia para estudar Engenharia Civil. Em 1932, em um protesto estudantil realizado na Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, em que reivindicavam a elaboração de uma constituinte democrática para o país, Marighella e seus colegas acabaram presos. Durante as 48 horas em que esteve detido, fez uma paródia de um poema de Castro Alves, satirizando o interventor Juracy Magalhães, que passou a persegui-lo, o que acabou forçando Marighella a se mudar para o Rio de Janeiro.

Na então capital do país, Carlos Marighella filiou-se ao PCB — à época denominado Partido Comunista do Brasil. Preso e torturado na ditadura do Estado Novo, elegeu-se depois Deputado Federal pela Bahia, participando da elaboração da Constituição Federal

CÂMARA MUNICIPAL DE
SALVADOR
O futuro da cidade
passa por aqui.

de 1946. Em seguida, com a cassação do registro do partido e da perda dos mandatos dos congressistas da bancada comunista, foi obrigado a passar um período na clandestinidade.

Como escritor, Carlos Marighella foi um afiado analista da realidade política do Brasil, lançando livros como "Alguns aspectos da renda da terra no Brasil" e "Por que resisti à prisão". Em 1964, em nova ditadura, foi baleado por agentes da repressão dentro de um cinema repleto de crianças, no Rio. Desarmado e ferido, lutou sozinho e destemidamente contra os soldados.

Principal opositor do regime de terror comandado pelos militares, Marighella fundou a ALN — Ação Libertadora Nacional —, a maior organização armada de oposição à Ditadura Militar no Brasil. "Não tenho tempo de ter medo", disse à época. Carlos Marighella faleceu em 4 de novembro de 1969, na Alameda Casa Branca, em São Paulo, baleado após uma emboscada montada por agentes da repressão.

Sua luta teve apoios internacionais importantes, como os do pintor Joan Miró, do filósofo Jean-Paul Sartre e dos cineastas Jean-Luc Godard e Luchino Visconti. "Suas batalhas ecoaram longe, mas Marighella teve uma história entrelaçada como poucas à da Bahia e seu povo", escreveu o jornalista Mário Magalhães, autor de uma biografia sobre Carlos Marighella. Baseado nesse livro, estreará no fim do ano o filme "Marighella", dirigido pelo baiano Wagner Moura.

Tendo em vista a importância da data, o nosso mandato solicita, então, a realização de uma sessão solene em homenagem a Carlos Marighella, exatos 50 anos depois de sua morte.

Salvador, 31 de julho de 2019.

MARCOS MENDES
Vereador pelo PSOL